

ANÁLISE PRAGMÁTICA DO USO DO PRONOME DE SEGUNDA PESSOA E DAS FORMAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS FALADO POR INDÍGENAS TEMBÉ DO RIO GUAMÁ, EM COTEJO COM AS OCORRÊNCIAS NA LÍNGUA TENETEHAR E NO PORTUGUÊS FALADO EM BELÉM DO PARÁ

ANALYSIS PRAGMATIC USE OF SECOND PERSON AND TREATMENT OF FORMS PRONOUN IN PORTUGUESE SPOKEN IN INDIGENOUS TEMBE OF THE GUAMÁ RIVER, BY COMPARISON TO THE EVENTS IN TENETEHAR LANGUAGE AND PORTUGUESE SPOKEN IN PARÁ BELÉM

Mara Sílvia Jucá Acácio²

RESUMO: Por este artigo intentamos analisar a ocorrência contrastiva do uso do pronome de segunda pessoa e das formas de tratamento usadas no português falado por indígenas da etnia tembé do rio Guamá, em cotejo com as ocorrências na Língua Tenetehar e com português falado em Belém do Pará, a fim de observarmos a construção da identidade linguística desses falantes, considerando algumas estratégias de polidez, de que dão conta as teorias da Pragmática Linguística, que regem as relações em contextos interacionais.

Palavras-chaves: Pragmática linguística. Pronome pessoal. Tenetehar. Português indígena. Português brasileiro.

SUMMARY: In this article intentamos analyze contrastive occurrence of the use of the second person pronoun and forms of treatment used in the Portuguese spoken by indigenous people of Tembe ethnicity of the Guama River, in comparison with the occurrences in Tenetehar Language and Portuguese spoken in Belém do Pará, in order to observe the construction of the linguistic identity of these speakers considering some politeness strategies that realize the theories of Pragmatics Linguistics, governing relations in interactional contexts.

Keywords: Pragmatic linguistics. Personal pronoun. Tenetehar. Indigenous portuguese. Brazilian portuguese.

INTRODUÇÃO

As diferentes maneiras de se dirigir ao interlocutor é um fenômeno que atrai a atenção dos pesquisadores de diferentes línguas naturais. No português, por exemplo, observamos que a variação entre as formas ‘tu’ e ‘você’ é motivada, num primeiro olhar, pelo aspecto regional; porém, se observamos com um olhar mais apurado, pelo aspecto social, veremos que essa motivação também tem a ver com questões pragmáticas, questões de polidez, basta analisarmos

² Docente da Universidade do Estado do Pará/Doutoranda do Programa de Pós-graduação DINTER USP-FFLCH-UEPA – Área: Filologia e Língua portuguesa - Linha de pesquisa: morfossintaxe do português do Brasil. E-mail: maraju06@hotmail.com

a aplicação do ‘tu’, por exemplo, em situações de informalidade, e a aplicação de ‘você’, em situações de formalidade.

Dessa maneira, justificamos a escolha desse tema pela necessidade de investigar a funcionalidade do pronome de segunda pessoa ‘tu’ e da forma de tratamento ‘você’, no português falado pelo povo tembé nas aldeias do Rio Guamá, em comparação com o uso desse pronome em tenetehar, e ainda, com o uso das referidas formas pelos falantes belenenses.

Nosso objetivo geral é descrever o uso da segunda pessoa e analisar se há ocorrência da forma de tratamento ‘você’ na língua tenetehar, no português falado pelos tembé/tenetehar, e ainda, realizar a comparação desses dados com o português falado na cidade de Belém do Pará.

Como objetivo específico buscaremos identificar os contextos que condicionam a escolha do uso do pronome de segunda pessoa e das formas de tratamento, contrastando com a Gramática Normativa Brasileira (NGB), a Gramática da Língua Tembê/Tenetehar de acordo com Rice (1934) e Duarte (2007), e analisar pragmaticamente os dados coletados, a fim de mostrarmos como a identidade linguística desses falantes se constrói, no que tange aos princípios de polidez que regem as relações em contextos interacionais, quando são aplicados esses pronomes.

No que se refere a metodologia, o foco analítico deste estudo são as Línguas Portuguesa e Tembê/Tenetehar sob o prisma da funcionalidade, do uso, em comparação com as normas gramaticais de ambas as línguas, e com as teorias da Linguística Pragmática, mais especificamente, das teorias que regem a polidez nos atos interacionais de fala.

Para a transcrever os dados utilizaremos as normas para transcrição apresentadas pelo Projeto de Estudos da Norma Linguística Urbana Culta (NURC), por entendermos ser uma maneira prática e didática para transcrição de dados orais em Língua Portuguesa.

REVISÃO DA LITERATURA

1 Pragmática Linguística

Segundo Crystal (1997 p. 301), a Pragmática é o estudo da linguagem do ponto de vista dos utilizadores, especialmente das escolhas que fazem, os constrangimentos que encontram no uso de linguagem na interação social, e os efeitos esse uso tem sobre outros participantes no ato de comunicação.

No nível linguístico, a Pragmática interpreta o que é dito a partir do dizer (da influência do mundo nas palavras) e, ao mesmo tempo, estabelece qual é o tipo de ato de fala realizado (a influência das palavras no mundo). Dentre os fenômenos estudados pela

Pragmática Linguística está a *Déixis*, que ancora os dêiticos ao contexto específico da enunciação, identificando os “objetos” e colocando-os em relação com o contexto da enunciação; as principais categorias são pessoais, espaciais e temporais.

A Pragmática Linguística considera ainda, os recursos linguísticos de que o usuário dispõe para criar determinados efeitos pragmáticos, quando realiza atos comunicativos, alguns desses recursos para expressar a *déixis* social são as formas de tratamento e atos de fala mais ou menos diretos.

Com relação à polidez, como um efeito pragmático, Foley (2005 p. 271) anota que esta: “consiste em basicamente reparar (ou corrigir) as afrontas feitas à face de um indivíduo por meio de um Ato Ameaçador da Face³ (AAF) imposto por outro indivíduo”.

O autor (*op. cit.*) observa ainda que:

A polidez positiva busca reparar um dano feito à face positiva de outrem. Assim, ao usar a polidez positiva, o falante indica que reconhece o desejo do ouvinte de ter sua face positiva prestigiada. Por outro lado, ao usar a polidez negativa, o falante demonstra reconhecer o desejo do ouvinte de ter sua intimidade (ou sua face negativa) preservada. (FOLEY, 2005, p. 271)

Dessa maneira, para preservar as faces positiva e negativa, os falantes fazem uso de estratégias que dependerão de variantes sociológicas, como: o poder do falante sobre o ouvinte (típico de interações assimétricas, geralmente em ambientes institucionais); a distância social entre os dois (em interações simétricas e assimétricas essa distância pode revelar que estratégias de polidez devem e podem ser usadas) e o grau de imposição envolvido no AAF (algumas imposições são mais fortes que outras). Ao considerarmos esses três fatores, podemos decidir se e quando as estratégias de preservação da face do interlocutor serão utilizadas nas circunstâncias concretas.

Para Brown & Levinson (1987):

as estratégias de polidez advindas das ações de reparo aos AAF dizem respeito à intimidade (polidez positiva) e à deferência ou respeito (polidez negativa). Os termos 'positivo' e 'negativo' não expressam o valor das ações de reparo, apenas as descrevem. (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 60)

Assim a polidez negativa é uma ação de reparo dirigida à face negativa do indivíduo e é marca de um comportamento extremamente respeitoso. A polidez positiva é uma ação de reparo dirigida à face positiva desse indivíduo e destaca-se como uma forma de minimizar o distanciamento social.

³ Entenda-se neste estudo ‘face’ como ‘imagem’.

2 O Uso do pronome de segunda pessoa no Português brasileiro (PB)

Segundo Ilari & Basso (2014 p. 43), com a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1808), foram muitos os fatos políticos e culturais que refletiram na história do português.

A dominação espanhola foi um desses fatos, pois fez com que o espanhol fosse falado pela aristocracia portuguesa. Porém, a influência espanhola do período não chegou a bloquear os processos antigos, que vinham trabalhando há tempo no sentido de modificar a língua portuguesa ‘por dentro’. Um exemplo ocorreu entre os séculos XVI e XVII, quando a forma ‘você’ cumpriu uma das principais etapas do processo pelo qual passou de expressão de tratamento a pronome, pois como se sabe, ‘você’, é hoje o principal pronome de segunda pessoa do português brasileiro, mas origina-se de uma antiga expressão de tratamento, ‘Vossa Mercê’, que no século XIV, era usada de forma exclusiva para o rei. (p. 44)

Os autores observam que nos meados do século XV em diante, ‘Vossa Mercê’ deixa de ser exclusiva para o rei e passa a ser corrente no tratamento entre fidalgos. No século XVI, a expressão de tratamento é reduzida a ‘você’ e passa a ser usada pelo povo, fixando-se como pronome. Segundo os autores, o primeiro registro escrito da forma ‘você’ data de 1666.

Ilari & Basso (2014 p. 60), lembram que a história da implantação do português no Brasil foi uma história de multilinguismo. O multilinguismo já existia no Brasil antes da colonização portuguesa, pois aqui havia cerca de 340 línguas não indo-europeias, que pertenciam a troncos linguísticos muito diferentes entre si, constituindo assim, um enorme laboratório linguístico.

Nesse contexto, em termos de Português Brasileiro (PB), pode-se dizer que a história do uso dos pronomes pessoais e de tratamento seguiu o curso da própria história da formação social e política do Brasil.

Dessa maneira, os autores (*op. cit.* p.114) observam que a subclasse dos pronomes pessoais continua sendo representada pelas gramáticas como composta de três pessoas no singular (eu, tu, ele/ela, o/a, lhe) e três pessoas no plural (nós, vós, eles/elas, os/as, lhes). Observam ainda que, o pronome ‘vós’ só sobrevive em gêneros formais como algumas reedições da Bíblia. Quanto ao pronome ‘tu’, este tem presença regional, alternando ou não com ‘você’. (p. 115)

Ilari & Basso (2014), afirmam que há, no total, em Português Brasileiro, três formas de expressar a segunda pessoa: i) Pronome ‘tu’ + verbo de segunda pessoa: tu és / tu vais; ii)

Pronome ‘tu’ + verbo de terceira pessoa: tu é / tu vai; iii) Pronome ‘você’ + verbo de terceira pessoa: você é / você vai. Afirmam ainda, que:

uma ou outra das duas primeiras soluções prevalece conforme a região nos três estados da região sul. Na fala carioca, encontramos a segunda e a terceira. Nas regiões norte e Nordeste também encontramos (i) e (ii). A solução com *você* + verbo de 3ª pessoa prevalece no restante do país. (ILARI & BASSO, 2014 p. 169)

Porém, Ilari & Basso (2014) informam em nota, que a variação diatópica da 2ª pessoa (pronome e verbo) do PB é bem mais complicada do que sugerem nesta citação, como assinalou a eles, o prof. Carlos Faraco, ao lembra-los do que acontece no Paraná, onde se usa ‘tu vais’, ‘tu vai’ e ‘você’; em Santa Catarina, onde se ouve ‘tu’ e ‘você’; e no Rio Grande do Sul, onde se ouve em grande parte o ‘tu’, dependendo da região.

Ainda, a propósito dos pronomes pessoais, os autores (*op. cit.* p. 115) lembram que: as verdadeiras ‘pessoas do discurso’ são, de fato, apenas a 1ª e a 2ª, porque no diálogo, apenas os papéis de locutor e interlocutor alternam entre si.

3 Uso do pronome de segunda pessoa em Tenetehar

Segundo Rice (1934 p.118), para os pronomes pessoais na Língua Tenetehar há três divisões: a forma absoluta, a forma empregada com substantivos (prefixo possessivo), e a forma empregada com verbos (pronome-prefixo), a saber

3.1 Forma absoluta

A forma absoluta pode ser empregada da mesma maneira como se usa em português - para dar ênfase; porém, em geral é omitida -, e ainda, pode ser empregada com verbos – juntando o pronome com o prefixo.

<i>Ihe</i>	‘eu’
<i>Ne</i>	‘tu’
<i>Ae</i>	‘ele/ela’
<i>Zane</i>	‘nós’ (forma inclusiva)
<i>Ure</i>	‘nós’ (forma exclusiva)
<i>Peze</i>	‘vós’
<i>Aewe</i>	‘eles/elas’

Rice (1934) informa ainda, que estas formas podem ser intensificadas pela adição da partícula *-ete*, que significa ‘mesmo’, por exemplo: *ihe-ete* ‘eu mesmo’.

O autor anota que no caso de o verbo ter um objeto direto pronominal de 1ª ou 2ª pessoa, singular ou plural, e ter um pronome por sujeito, é preciso exprimir o sujeito, e que das duas formas da 1ª pessoa do plural, a forma ‘*Zane*’ é inclusiva, indicando que inclui tanto o falante quanto os ouvintes. Enquanto a forma ‘*Ure*’ exclui a quem se dirige o falante. Desta maneira, um indígena falando de indígenas dirá ‘*Zane kwera*’ quando se dirige a um outro indígena, mas dirá ‘*ure kwera*’ quando falar com um não indígena.

3.2 Forma empregada com substantivos (prefixo possessivo)

Segundo o autor (p. 119), esta forma parece análoga ao adjetivo possessivo do inglês e do português. Em vista de ser empregada com a forma predicativa de adjetivos e como objeto direto do verbo etc., não pode ser considerada como um mero adjetivo possessivo.

<i>he</i>	‘eu’
<i>ne</i>	‘tu’
<i>i, ou h-</i>	‘ele/ela’
<i>zane/ure</i>	‘nós’ (forma inclusiva e exclusiva, respectivamente)
<i>pe</i>	‘vós’
<i>ua</i>	‘eles/elas’

Dessa maneira, a fim de conservar a brevidade, o autor as denomina como 'Pronome-prefixo', porém lembra-nos dos outros usos que têm essas formas.

a) Quando anteposto ao substantivo, este pronome-prefixo influencia o substantivo por modificar a consoante inicial, se esta for ‘*t*’ ou ‘*h*’, por exemplo:

<i>tapui</i>	‘casa’
<i>he rapui</i>	‘minha casa’
<i>ne rapui</i>	‘tua casa’
<i>hapui</i>	‘casa dele/dela’
<i>zane rapui</i>	‘nossa casa’
<i>ure rapui</i>	‘nossa casa’
<i>pe napui</i>	‘vossa casa’
<i>wa napui</i>	‘casa deles/delas’

O autor observa (p. 119), que a modificação da inicial se adequa à regra da permutação da inicial, uma das características distintivas da Língua Tupi-Guarani, que é a permutação que sofrem as letras iniciais dos substantivos, adjetivos e posições.

b) Estas formas do pronome de 1ª e 2ª pessoa, no singular e no plural, usam-se como complemento direto do verbo, salvo no caso da 2ª pessoa quando o sujeito do verbo é da 1ª pessoa. Neste caso empregam-se as formas *URU* (sing.) e *UPU* (pl.), como nos exemplos que seguem:

<i>lhe urumukatu</i>	‘eu te saro’
<i>ihe amukatu ichupe</i>	‘eu o saro’
<i>ne he mukatu</i>	‘tu me saras’
<i>ae neemukatu</i>	‘ele te sara’ ‘ela te sara’
<i>ae pe mukatu</i>	‘ele vos sara’ / ‘ela vos sara’
<i>zane upu mukatu</i>	‘nós vos saramos’
<i>peze ure mukatu</i>	‘vós nos (exclusiva) sarais’
<i>ae zane mukatu (we)</i>	‘eles nos (inclusiva) saram’ / ‘elas nos (inclusiva) saram’

3.3 Formas empregadas com verbo

<i>a-</i>	‘eu’
<i>(h) ere-</i>	‘tu’
<i>u-, o-</i>	‘ele/ela’
<i>za-, ru-</i>	‘nós’ (forma inclusiva e exclusiva, respectivamente)
<i>pe-</i>	‘vós’
<i>u- (ou o-)...we</i>	‘eles/elas’

Segundo Rice (1934 p. 120), estas formas são colocadas imediatamente em frente do verbo e bastam para indicar o sujeito sem se usar a forma absoluta. O autor adverte que jamais se deve interpor palavra alguma entre esta forma e a raiz do verbo. Assim, é legítimo considerá-la como prefixo, mas deve-se notar que quando o verbo tem por objeto direto um pronome pessoal se omite este prefixo.

O autor observa ainda, que repete-se este prefixo quando um verbo é o complemento de um outro, por exemplo: Eu vou trabalhar. ‘*Aha aporowaki*’, e não, ‘*Aha porowaki*’.

Como exceção a esta regra, o autor anota que há três verbos; estes pospõem-se ao verbo que naturalmente precederia. São estes: *putari*, *iko* e *kari*, como nos seguintes exemplos:

<i>uzeengari putari</i>	‘ele quer cantar’
<i>uipikui iko</i>	‘ele está remando’

4 O uso da segunda pessoa e das formas de tratamento no falar belenense

Em Belém do Pará percebemos uma particularidade no que diz respeito ao uso da 2ª pessoa no singular ‘tu’, que não é comum em outras regiões do Brasil. É comum ouvirmos os falantes belenenses usarem: *queres, foste, fizeste, disseste, compraste* etc. Em Belém ouvimos a segunda pessoa do singular como se emprega em Portugal. Aliás, a explicação para a composição e a formação desse sotaque é histórica e deve-se à forte colonização portuguesa na região norte, em diversas vezes ao longo da história, e a pouca influência linguística de outros povos.

O Professor Pasquale Cipro Neto, quando de sua estadia em Belém para proferir duas conferências, observou que, apesar do uso dos verbos e do sujeito na segunda pessoa, às vezes os falantes fazem uso do pronome de tratamento ‘você’, e por influência do ‘você’, usam o pronome ‘lhe’ de forma equivocada quando utilizam o verbo conjugado em segunda pessoa, como em: ‘Subiste lá? Eu *lhe* disse que devias subir’. A implicação é que, de acordo com a Gramática Normativa, o pronome ‘lhe’ se usa para ‘você’, ‘senhor’, ‘senhora’, ‘Excelência’, ou qualquer outro pronome de terceira pessoa. Dessa maneira, na língua culta, ‘tu’ e ‘lhe’ não combinam. Adverte Pasquale Cipro Neto, que formalmente, é desejável a uniformidade de tratamento: “quando se usa tu, usam-se os pronomes te, ti, contigo, teu. Quando se usa você, senhor, senhora, Excelência, usam-se os pronomes o, a, *lhe*, seu”.

ANÁLISE DOS DADOS

a) Da Língua *tembé/tenetehar*

Duarte (2007 p. 40), seguindo os estudos de Rice (1934), nos apresenta os seguintes pronomes pessoais em *Tenetehar*, o que usaremos para efeito didático em nossas comparações, visto que intencionamos analisar apenas o uso do pronome de 2ª pessoa em *Tenetehar*; bem como, observar se há uso dos pronomes de tratamento na Língua.

<i>He</i>	‘eu’
<i>Dane</i>	‘nós’ (inclusivo)
<i>Ure</i>	‘nós’ (exclusivo)
<i>Ne</i>	‘tu’
<i>Pe</i>	‘vós’

Em cotejo com Rice (1934) e Duarte (2007), e partindo dos dados coletados por nós, sobre o uso do ‘tu’ e do ‘você’ na Língua *Tembé/Tenetehar*; e ainda, considerando a tradução dada por alguns pesquisadores, para o pronome ‘vós’ no momento da tradução da referida língua para o português, podemos inferir que, o ‘ne’ na língua *tenetehar* pode ser traduzido

tanto como ‘tu’, quanto como ‘você’; e o ‘pe’ pode ser traduzido tanto como ‘vós’, quanto como ‘vocês’. Daí, inferimos que a tradução do ‘ne’ e ‘pe’ do tenetehar para o português pode se dar por conta da variedade do português falada por cada pesquisador, que no momento da tradução imprimem suas marcas linguísticas às mesmas, como podemos observar nos exemplos (a) e (b) que seguem:

(a) ne = 2 pessoa do singular (‘tu’)
ne re-duka-rəm amo-a
 ‘Matarás outro (=o macaco)’ (CARREIRA, 2008)

(b) pe = 2 pessoa do plural (‘vós’, ‘vocês’)
pe pe-duka-rəm amo-a
 ‘Matareis outro (=o macaco)’ (CARREIRA, 2008 P. 76)

Acima, Carreira (2008) traduziu no exemplo (a), o ‘Ne’ como ‘Tu’; porém, traduziu no exemplo (b) o ‘Pe’ como ‘Vós’ ou ‘Vocês’. Daí, inferimos que há possibilidade de tradução do ‘Ne’ também como ‘você’, na questão em análise.

Quanto ao uso dos pronomes de tratamento na Língua Tenetehar, observamos nos exemplos (c) e (d), que no lugar dos pronomes de tratamento ‘senhor’ e ‘senhora’, os também usam os termos ‘homem’ e ‘mulher’.

(c) *w-exak* **awa** *kwarer*
 3NOM-ver homem menino
 ‘O homem viu o menino’

(d) *w-eru-zahak* *kuzà* *kwarer* *a’e*
 3NOM-APPL-banhar **mulher** menino ela
 ‘A mulher tomou banho com o menino’

Percebemos que o fato do não uso pelos também dos pronomes de tratamento ‘senhor’ e ‘senhora’, como é de praxe fazermos no português belenense, por conta da polidez no discurso - como mostraremos mais adiante -, não diminui o respeito que eles têm por seu interlocutor, como seria interpretado pelo belenense; pelo contrário, conota uma relação de proximidade e respeito, mesmo que não tenham consciência linguística disso, por não fazer parte de sua cultura. Fato, que também já observamos em outras culturas indígenas, como entre

os waiwai do oeste do Pará; os parkatejê do nordeste do Pará; e os kayapó de São Félix do Xingu.

b) Do comportamento do ‘tu’ e do ‘você’ no Português de Belém do Pará

Considerando a Gramática Normativa Brasileira (NGB), se o pronome é ‘tu’, o verbo deve ser conjugado na segunda pessoa do singular: ‘Tu queres ir?’, ‘Tu foste à praia?’, ‘Tu fizeste o bolo?’, ‘Tu estudaste a lição?’. Porém, em boa parte do país, é frequente o uso do pronome ‘tu’ com o verbo conjugado na terceira pessoa. Fato que também observamos no falar belenense, em uma conversa entre alunos de uma universidade, como nos exemplos (e) e (f):

- (e) Amiga, *TU* *qué* i almoçá comigu?
 (f) Amiga, *tu* *LEU* u textu du professô?

Entre os falantes do português belenense a segunda pessoa do singular ‘tu’ é usada em situações mais informais de interação, como uma conversa entre amigos, vizinhos etc., na qual, percebemos que os falantes já estabeleceram um certo vínculo de amizade, marcando uma relação de proximidade com o outro. Porém, na linguagem oral belenense, percebemos uma mistura de pessoas gramaticais, como apresentamos nos exemplos (e) e (f) em comparação com os exemplos (g) e (h):

- (g) *Você* *QUÉ* i ...almoçá comigu?
 (h) *Você* *LEU* u textu... du professô?

Essa variação do uso do ‘tu’ para ‘você’ está sendo mais usada em situações interacionais, nas quais, o falante não conhece o interlocutor, ou acaba de conhecê-lo, ou não tem certeza de como deve dirigir-se a ele, ou quer demonstrar um certo distanciamento da pessoa com quem fala, mas, sem perder o respeito, a polidez, para com aqueles que ele acaba de conhecer, ou com quem tem pouco contato interacional, preservando assim, a ‘face negativa’, a ‘imagem negativa’, do outro.

Notamos também, que já está havendo uma alternância, uma variação entre o ‘tu’ e as formas de tratamento ‘você’, ‘senhor’, ‘senhora’ nas relações de interação familiares, de forma inversa a que vimos mais acima, onde parece haver uma troca dos pronomes de tratamento pelo uso do ‘tu’, a exemplo de (i) e (j):

(i) “Mãi, **tu** vás mi emprestá u dinheiru qui ti pedi?”

Em vez de:

(j) “Mãi, a **senhora** vai mi emprestá u dinheiru qui lhi pedi?”

como era costume se dizer em Belém até há algum tempo atrás; caso contrário, consistiria numa afronta à imagem dos pais. De acordo com Foley (2005), um Ato Ameaçador da Face (AAF) dos pais imposto pelos filhos.

Mesmo ainda não obtendo adesão total no falar dos belenenses, notamos, que o uso do pronome ‘tu’ no contexto acima referenciado está sendo realizado em determinados momentos na interação familiar, como maneira de demonstrar uma certa proximidade na relação entre familiares, marcando uma redução da hierarquia no grau de parentesco entre pais/filhos, avós/netos e outros membros da família; como reflexo das novas relações sociointeracionais, menos desiguais, que se alinhavam no português brasileiro, e que já se estendem ao português falado em Belém.

A confirmação de que a variação a que nos referimos acima apresenta indícios de mudança, também foi notada por Soares & Leal (1993), que em pesquisas sobre a situação do uso dos pronomes em Belém, discutem o tratamento entre pais e filhos, e apresentam indícios de uma mudança na estrutura sociolinguística assimétrica dessa relação. As autoras afirmam que as formas ‘tu’ e ‘você’, como formas de tratamento direcionadas de filhos a pais, variam com uma forma mais antiga e tradicional de maior prestígio entre a comunidade belenense: *o senhor/a senhora*:

se durante muito tempo a forma dominante foi “o(a) senhor(a)” (75% dos informantes-pais declaram, no questionário, usar exclusivamente esta forma ao se dirigirem a seus pais), no momento presente, os dados mostram que “o(a) senhor(a)” está “perdendo terreno” para “tu”: enquanto 38,59% das formas usadas pelos informantes-filhos é “o (a) senhor(a)”, quase 50%(49,13%) corresponde a “tu” (SOARES; LEAL 1993 p. 52).

As autoras (*op. cit.*), na análise final de seu estudo, afirmam que a forma de tratamento utilizada pelos filhos para se dirigirem aos pais, no falar belenense, está mais próxima ao princípio da *solidariedade*, ou seja, que o: “uso recíproco de “tu” [talvez] possa ser indício de uma relação menos desigual” (p.54).

Corroborando com a análise final de Soares & Leal (1993 p. 54), concluímos que a forma de tratamento usada pelos filhos ao se dirigiram aos pais mantém a hierarquia por meio de um ajuste solidário utilizando o ‘tu’, que marca a proximidade entre pais/filhos, avós/netos

etc. Assim, filhos, netos etc., buscam manter a polidez, quando preservam as imagens uns dos outros, revelando uma certa solidariedade na maneira de lidar com a hierarquia familiar.

Quanto ao emprego da segunda pessoa no plural ‘vós’, não obtivemos registro do uso desse pronome nas relações de interações informais, pois é mais notada em situações formais de interação, como por exemplo, em discursos jurídicos e políticos.

c) Do comportamento do ‘tu’ e do ‘você’ no Português falado pelos Tembé

Considerando a NGB em comparação com os dados coletados sobre o uso do ‘tu’ e do ‘você’ no português falado pelos indígenas tembé, residentes em aldeias no rio Guamá, podemos concluir que o uso de ‘vós’ não foi encontrado nos dados levantados. Entretanto, percebemos que ocorre uma variação entre o uso de ‘tu’ e ‘você’, onde o ‘tu’ realiza-se em momentos informais de interação, sempre com o verbo conjugado em 3ª pessoa, como nos exemplos (k) e (l), que foram coletados para este artigo num momento de informalidade entre professor/aluno, no intervalo entre as aulas:

(k) Professora...*TU foi* lá... falá pur nós?

(l) Piná...hoji *TU VEM* pra aula?

No exemplo acima, a relação professor/aluno dentro e fora do contexto escolar, já se estabelece há quatro anos.

Quanto ao uso do “você”, observamos nos dados coletados, que se realiza em situações interacionais mais formais, a exemplo de conversas entre professor/aluno/gestor, quando estão em ambiente escolar; porém, com o verbo conjugado em 3ª pessoa, de acordo com a GNB, como nos exemplos (m) e (n):

(m) Diretora...*VOCE* vai mandá u documentu pru meu imeiu?

(n) Diretora...*VOCE* vai mais nós... lá na aldea?

O exemplo acima foi colhido no momento da interação entre um grupo de alunos tembé e a diretora da Unidade Regional de Educação de São Miguel do Guamá (URE/SMG)

Dessa maneira, inferimos que no português falado pelos tembé, o uso do ‘você’ nos exemplos *supra* citados acontece com a finalidade de manter a cortesia, a polidez, a solidariedade na interação com pessoas com as quais eles têm menos contato cotidiano; pois observamos um certo respeito, mas também certo distanciamento ao dirigirem-se aos seus superiores no ambiente escolar, exceto, com os que estão mais próximos no dia a dia deles.

Isso foi avaliado por nós, como uma forma de aculturação, que se deve ao fato dos mesmos não falarem mais a língua tenetehar, tendo o português como sua língua materna, adquirindo assim os hábitos linguísticos da língua portuguesa, a que foram expostos.

Já com relação ao ‘tu’ usado fora do ambiente escolar, como vimos nos exemplos (k) e (l), observamos que na informalidade, eles mostram também o respeito e a polidez, sendo que o uso do ‘tu’ apresenta marca de proximidade na interação professor/aluno fora do contexto escolar.

Observamos ainda, que esses falantes do português usam o pronome de tratamento ‘senhora’ ou ‘senhor’, também como forma de respeito, como é usado no português belenense, talvez pela questão do *status* do professor e até mesmo pela diferença de idade. Avaliamos o uso do pronome de tratamento, nesse caso, conotando um certo distanciamento, e ainda, como uma marca da aculturação, como nos exemplos (o), fala de Isane Tembê e no exemplo (p), fala de Rita Tembê:

- (o) Professora...a *SINHORA* podi mi dizê u nomi du meu imeiu...porque eu isquici?
 (p) Professô Cláúdiu...u *SINHÔ* já corrigiu u meu trabalho?

Nos momentos de nossas visitas às aldeias do Guamá, percebemos também, que quando esses falantes estão na aldeia e dirigem-se a alguém que esteja passando pelo local no momento de uma interação, eles dizem como no exemplo (q), na fala de Sônia Tembê:

- (q) “Professora...lá vai u **HOMI** qui eu falei qui ainda fala a língua tenetehara...é aquelhi **HOMI**... ali”.

Em vez de:

- “Professora, lá vai o **senhor**...” ou “É aquele **senhor** ali”.

Esse fato, tende a causar estranheza aos falantes do português belenense, por conta do conflito cultural, visto que em nossa sociedade sempre ouvimos nossos pais dizerem que é feio falar ‘aquele homem’/‘aquela mulher’, como observamos no português tembê, e que o “correto” seria falar ‘aquele senhor’/‘aquela senhora’ – enfatizando o preconceito linguístico. Entretanto, o que seria visto por nós como descortesia, como falta de polidez, e até mesmo como uma ameaça à imagem da pessoa, para os tembê é perfeitamente normal; isto é, não fere a imagem das pessoas a quem se dirigem/referem. Logo, para eles, no fato de usarem ‘mulher’ ou ‘homem’ quando se referem aos seus parentes ou a algum membro da comunidade indígena, não há descortesia, não há deselegância, é apenas uma questão de escolha lexical. Visto que,

em nossas vivências em algumas aldeias da etnia tembé do rio Guamá, percebemos que esses falantes não têm a consciência linguística de que estariam transgredindo as regras de polidez na interação verbal, que regem as relações interacionais nas culturas não indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo pretendemos mostrar que por trás do uso do pronome de segunda pessoa no singular e plural, e do uso das formas de tratamento ‘você’, ‘senhor’, ‘senhora’, no português falado pelos belenenses e no português falado pelos indígenas tembé, há mais que uma marca linguística; há uma marca cultural.

No caso dos tembé, a maneira como utilizam o pronome de segunda pessoa mostra a identidade linguística desse povo, que perdeu o contato com a Língua Tenetehar há muitos anos, e hoje tem o português como sua língua materna. Entretanto, guarda marcas linguísticas, a exemplo dos casos de aplicação do pronome ‘tu’ e das formas de tratamento, descritos nesse estudo sobre as questões pragmáticas da Língua Tenetehar.

Por outro lado, mostramos que os falantes do português belenense, também revelam pela forma como usam o pronome de segunda pessoa e as formas de tratamento, a sua identidade linguística, mas além de tudo, a sua identidade cultural, o que os diferencia dos outros falantes do Português Brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BROWN, P. & LEVINSON, S. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CARREIRA, Genne Eunice da Silva. (Dissertação de mestrado). *Parâmetros e Macroparâmetros: Um olhar sobre as línguas indígenas Tembé e Guajajara*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2008.
- CRISTAL, D. *A enciclopédia de Cambridge de linguagem*. New York: Cambridge Press, 1997.
- DINO PRETTI. (Org.). *Análise de textos orais*. 6ª ed. São Paulo: Humanitas Publicações. FFLCH/USP, 2003. (Projetos Paralelos: V.1)
- DUARTE, Fábio Bonfim. *Estudos de Morfossintaxe Tenetehara*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG, 2007.
- _____; CAMARGO; CASTRO. (art.) *Estruturas antipassivas em Tenetehára*. In: *Vereadas: Sintaxe das Línguas Brasileiras*. Vol; 18/1, 2014. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/269874458>>. Acesso em 23 Abr. 2016.

FOLEY, W. A. (2005). *Anthropological Linguistics: An Introduction*. Oxford: Blackwell Publishing.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. 2ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

NETO, Pasquale Cipro. *Sobre o português belenense*. Disponível em: <[www.http://diasdesolitude.blogspot.com.br/2015_10_01_archive.html](http://diasdesolitude.blogspot.com.br/2015_10_01_archive.html)>. Postado em Out, 2015 por Felipe Pamplona. Acesso em 27 Abr. 2016.

RICE, Frederick John Duval. *O idioma Tembé (Tupí-Guaraní)*. In: Journal de la Société des Américanistes. Tome 26 n°1, 1934. pp. 109-180. Doi :10.3406/jsa.1934.1911. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/jsa_0037-9174_1934_num_26_1_1911>. Acesso em: 13 Mai. 2016.

SOARES, Izabel Cristina R.; LEAL, Maria da Graça Ferreira. *Do senhor ao tu: uma conjugação em mudança*. Moara: Estudos da Língua em Uso, Belém, n. 1, UFPA. 1993, p. 27-64.

Artigo recebido em: 22/06/16

Artigo aceito em: 15/07/16